

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE POR INSTRUÇÃO NO CONTEXTO DO PIBID

Luiza Ceron Rosa¹

Sonia Mara Samsel Geraldo²

Valéria Ghislotti Iared³

Resumo: O presente estudo relata as atividades desenvolvidas em um trabalho de conclusão de curso de Ciências Biológicas, com a temática Educação Ambiental através da arte por instruções, na Universidade Federal do Paraná-Setor Palotina, realizadas em 2023 com um grupo de alunos do curso de Ciências Biológicas, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por meio de observações, relatos e ilustrações dos participantes. Os resultados identificaram que a arte por instrução se mostra promissora ao despertar a sensibilização ambiental através do resgate de memórias e vivências, valores e sentidos relacionados ao meio ambiente.

Palavras-chave: Arte-Educação Ambiental; Experiência Estética; Memória Afetiva.

Abstract: The present work reports the activities developed in a conclusion study of the Biological Sciences course, with the theme Environmental Education through art by instructions, at the Federal University of Paraná-Setor Palotina, carried out in 2023 with a group of students of the Sciences course Biological, scholarship holders of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID), through observations, reports and illustrations of the participants. The results identified that art by instruction shows promise in raising environmental awareness through the recovery of memories and experiences, values and meanings related to the environment.

Keywords: Environmental Art Education; Aesthetic Experience; Affective Memory.

¹Universidade Federal do Paraná. E-mail: luizaceron2@gmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4001530908206978>

² Universidade Federal do Paraná. E-mail: artemara.49@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0775360651160773>

³ Universidade Federal do Paraná. E-mail: valiared@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1273203310250467>

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 432-445, 2024.

Introdução

As transformações mundiais das últimas décadas, vinculadas à degradação ambiental e à crescente desigualdade, assumem um lugar de destaque, o que reforça a importância de se adotar esquemas integradores nos processos educacionais, sociais, políticos, econômicos e culturais (JACOBI, 1999). A Educação Ambiental tem papel fundamental nesse processo, já que pode colaborar, de modo estruturante, na construção de um pacto-compromisso de natureza moral, ética e política, com o nosso tempo e com o que vem depois (ROSA; SORRENTINO; RAYMUNDO, 2022).

Tendo em vista os inúmeros relatórios de impacto ambiental e das várias frentes que já atuam no combate desses processos de degradação ambiental, propusemos o presente estudo com o intuito de uma possibilidade educativa. O processo de sensibilização ambiental se faz importante, pois conforme Fonseca (2019), corresponde a tornar alguém sensível, neste caso aos problemas ambientais, à importância da preservação dos ecossistemas e da adoção de comportamentos éticos para com os outros seres e o planeta.

As artes visuais, associadas à ciência, têm um papel transdisciplinar na implementação da Educação Ambiental. Com a práxis de arte-educadores na Educação Ambiental, cunhou-se a expressão arte-Educação Ambiental, uma ação educativa que articula arte e ciência no campo ambiental (RACHE; PATO, 2015).

As instruções de arte correspondem a textos curtos de artistas que indicam instruções para o público, delegando a terceiros o seu trabalho poético. Dessa forma o artista propõe, mas o resultado final é realizado por cada participante (GERALDO, 2021). Essa prática performática é utilizada por alguns artistas, entre eles/as Yoko Ono, que recorre das instruções em seus trabalhos como uma experiência crítica do pensamento (DASSIE, 2020).

Nesse contexto, as ações adotadas no trabalho tiveram por objetivo compreender a percepção sobre o ambiente natural sob o referencial da arte por instrução em um curso de Ciências Biológicas, de modo a fomentar a reflexão dos/as participantes a respeito de sua responsabilidade socioambiental e sua relação individual e coletiva com o meio ambiente, além de identificar as contribuições da arte por instrução para a Educação Ambiental, por meio de oficinas didáticas propostas aos mesmos.

As atividades foram realizadas no primeiro semestre de 2023 e apresentadas como trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas – Bacharelado, que se viabilizou pela possibilidade da formulação de três oficinas. Tais oficinas foram realizadas com um grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina.

Referencial Teórico

Vários fatores implicam na conjunção atual de intensa degradação ambiental, com impactos não só ambientais, mas também políticos, sociais, culturais e econômicos. Somou-se a isso, o desmantelamento das políticas públicas de Educação Ambiental observados nos últimos anos conforme aponta o “Dossiê sobre o desmonte das Políticas Públicas de Educação Ambiental na gestão do Governo Federal: 2019-2022” (ROSA; SORRENTINO; RAYMUNDO; 2022). Alguns autores (JACOBI, 1999; LOUV, 2016; FONSECA, 2019) têm argumentado que a raiz do debate está no distanciamento do ser humano com a natureza:

Essa conjuntura foi alimentando a perda de uma visão holística da realidade, o progressivo distanciamento do ser humano relativamente à Natureza e uma voraz sobre-exploração dos recursos naturais do sistema Terra, baseada na competitividade e no crescimento pelo crescimento. Tudo isso, tem tido como consequência o colapso ambiental à escala planetária. (FONSECA, 2019, p. 72).

Esses mesmos autores tratam dessa relação como fator importante no processo de sensibilização e Educação Ambiental. Geraldo e Iared (2022) abordam a indissociabilidade entre ser humano e natureza e a confluência do pensamento ecológico com a fenomenologia, instigando reflexões sobre a horizontalidade das relações num mundo mais-que-humano, e citam que educar o olhar e interagir com o lugar é fundamental para a sensibilização e busca de soluções para os problemas ambientais.

Desde a década de 90, autores como Jacobi (1999) apontam que a compreensão dos problemas ambientais precisa ser vista sob uma ótica que inclua também o componente social (dimensão socioambiental), de forma a não desconsiderar critérios culturais e determinações específicas das políticas públicas. O momento atual exige que a sociedade esteja mais motivada e mobilizada para assumir um caráter mais propositivo. Para tanto, ações que dinamizem o acesso à consciência ambiental dos cidadãos, a partir de um intenso trabalho de educação, são necessárias.

Segundo Buss e Iared (2020) e Qualho e Iared (2021), compreender que o ser humano é parte integrante e não desassociado da natureza é ponto fundamental no processo de reversão da visão antropocêntrica e exploratória do meio ambiente, afinal:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 1996, p. 22).

Arte educação-ambiental no processo de sensibilização ambiental

A contribuição das artes visuais na Educação Ambiental tem sido discutida por diversos autores nas últimas décadas. Eisner (2008), argumenta em seu trabalho sobre de que forma a arte pode contribuir na prática educativa. O autor faz uma crítica ao sistema educacional atual, de caráter rígido que visa a uniformidade de objetivos, conteúdos, avaliação e expectativas. Ele defende que é preciso uma mudança de perspectiva na educação para a construção de uma prática escolar mais generosa e a arte demonstra este potencial:

As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas (EISNER, 2008, p. 10).

Sob a mesma ótica, Sato e Passos (2009) indicam que a cultura é fundamental para compreensão dos dilemas socioambientais e as múltiplas linguagens presentes na educação, ciência e artes, pois ela revela muito sobre nosso olhar sobre o mundo e como interagimos com ele. Também defendem que quando a criação da arte imagética é incitada em sala de aula, os estudantes podem perceber que cada um possui sua verdade, e que essas verdades dialogam entre si, possibilitando diminuir as hierarquias e construir uma rede de aprendizagem complexa e significativa. Não há aprendizagem e mudança imune à paixão:

[...]não lemos apenas com as emoções, mas evocamos a inteligência no enredo pedagógico, é inequívoco que a arte represente um meio de se construir a Educação Ambiental sábia e sentimentalmente (SATO; PASSOS, 2009, p. 57).

Rache e Pato (2015) refletem sobre a articulação dos campos da arte e da Educação Ambiental e apontam que, com a afirmação do campo ambiental, muitos arte-educadores se engajaram nos movimentos de contracultura reivindicando novos modos de interação sociedade-natureza, e ao considerar que a Educação Ambiental é uma prática transdisciplinar de construção de conhecimentos e valores, que busca promover mudanças de comportamento frente as questões ambientais, cunhou-se o termo arte-Educação Ambiental. Segundo as autoras, no processo de Educação Ambiental a relação eu-outro se faz importante para transformação socioambiental, e a arte auxilia nesse processo:

Produzir, apreciar e refletir sobre a arte revela-nos uma possibilidade de existência e comunicação para além da realidade de fatos e das relações que habitualmente estabelecemos com o outro, ou seja, acrescenta a dimensão poética na nossa compreensão e ação no mundo (RACHE; PATO, 2015, p. 652).

Nessa perspectiva, Fonseca (2019) também defende que o campo das artes visuais é um lugar de transdisciplinaridade, sendo necessária nos processos educativos ambientais e aponta que as artes visuais constituem uma excelente plataforma para veicular a Educação Ambiental:

Dado que o campo das artes, através dos processos criativos, desenvolve esses tipos de pensamento mais divergentes e simultâneos, mais intuitivos e metafóricos, subjetivos e não lineares - concentrados no todo de uma dada realidade - constitui uma importante plataforma de projeto de uma nova Humanidade (FONSECA, 2019, p. 73).

Arte por instrução e experiência estética

Dassie (2020) explora em seu estudo a prática performática da artista Yoko Ono, que recorre das instruções em seus trabalhos como uma experiência crítica do pensamento, implementando dupla instância entre o conceitualismo e a poesia. A solicitação de terceiros, ouvintes e, ao mesmo tempo, praticantes das instruções figuram, sem muitas novidades, a criação de um procedimento artístico/literário ou de uma experiência moderna em arte. Segundo o autor, ao instrucionalizar seus trabalhos artísticos, Yoko Ono delegava a terceiros seus resultados finais, o que desanuviou sua cabeça que estava abarrotada de ideias. Em outras palavras, a artista encontrou uma forma de libertação da criatividade.

Ainda, conforme Dassie (2020), outros/as artistas também se pautam/pautaram das instruções em suas obras, todos/as baseados na crítica da alienação e linguagem como máquina, sendo a ação promovida pelas instruções uma forma de produzir na sociedade um momento de desalienação. Entre esses/as artistas podemos citar Tristan Tzara na poesia, em *Manifesto Dadá* de 1919, Man Ray e Dick Higgins com a série *Danger Music* e na pintura Andy Warhol em *Do-It-Yourself* e Sol Lewitt com *Desenhos de parede*.

O jogo intitulado *Cadáver bonito [exquisite corpse]* criado por André Breton e seus colegas surrealistas é citado por Sato e Passos (2009) como uma experiência de criar arte coletivamente, consistindo na construção de uma obra coletiva entre dois ou mais artistas, em que um primeiro começa sua obra e a mesma, inacabada, é passada para o artista seguinte finalizar.

É possível traçar semelhanças entre o *Cadáver bonito* com a arte produzida por instruções, pois além do resultado ser delegado a terceiros, “o olhar interpretativo é fenomenológico, não permitindo certo ou errado, senão uma criação que tem algo, pelo talento de seus criadores, a dizer a cada um de nós” (SATO; PASSOS, 2009, p. 52).

No presente trabalho, ao fornecer instruções aos/às participantes, é dada liberdade para que criem e expressem suas individualidades, explorando sua criatividade sem barreiras pré-estabelecidas, além de proporcionar momento de desalienação e presença, focado na experiência estética. O sujeito produzirá arte através da sua ótica sobre o mundo e sua relação com o todo, gerando infinitas interpretações, com grande potencial formativo próprio:

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 432-445, 2024.

Podemos captar e experimentar esteticamente qualquer coisa, sim. E essas experiências sempre apresentam um grande potencial formativo para os sujeitos nelas implicados. Porque a experiência consiste, justamente, no deslocamento que sofremos da forma tradicional de racionalidade que nos circunscreve, colocando-nos diante do inédito, da novidade da interpretação. O fato de termos produzido uma interpretação a partir de uma experiência é a evidência de que cada um que experimente o que experimentamos poderá produzir outra interpretação. Ademais, se chegamos a produzir uma interpretação, é porque infinitas outras interpretações permanecem como interpretações possíveis (PEREIRA, 2012, p. 119).

Procedimentos Metodológicos

Com abordagem qualitativa, a pesquisa busca, conforme Stake (2013), propiciar ao leitor ou ao usuário chegar às suas próprias generalizações. Os dados produzidos não podem ser quantificados, haja vista que, para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa é de natureza aplicada, tendo em vista que depende de suas descobertas e se enriquece com seu desenvolvimento, além de possuir interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos (GIL, 2021). Caracteriza-se como participante, pois consiste em um processo no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover uma transformação social, em benefício dos participantes que muitas vezes são oprimidos ou desfavorecidos pela desigualdade social, não representando apenas um privilégio de poucos, além de existir a participação conjunta entre pesquisador e pesquisados (HAUGUETTE, 2001).

Oficinas didáticas

O estudo foi conduzido com um grupo de 24 alunos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁴, um programa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, que visa proporcionar aos discentes dos cursos de Licenciatura a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, além de apoiar a formação de estudantes desses cursos ao contribuir para elevar a qualidade da educação básica nas escolas públicas. O PIBID do Curso de Ciências Biológicas – Palotina/PR, iniciado em maio de 2023, tem por objetivo explorar os espaços da escola por caminhos artísticos. Para tanto, os coordenadores têm procurado embasar a literatura e propiciar vivências que tenham como foco as possibilidades

⁴ O projeto foi aprovado no Comitê de Ética (protocolo: 71547223.5.0000.0214).

de experienciar a escola esteticamente. Esses encontros acontecem semanalmente com a duração de uma hora e meia.

Foi no contexto dessas reuniões semanais que as oficinas aconteceram. Durante três semanas, nos meses de maio e junho de 2023, foram realizados três encontros semanais, às segundas-feiras, das 18:00 às 19:30, no Laboratório de Ensino localizado na UFPR - Setor Palotina. Os encontros consistiram em propostas de oficinas didáticas de arte por instrução com temática voltada ao ambiente e a experiência estética dos/as participantes (Quadro 1).

Quadro 1: Roteiro dos encontros.

Dia	Sentidos mobilizados	Instruções
29 mai. 2023	Todos os sentidos.	Coletivamente, por meio de desenhos/pinturas/escrita, ilustre sua relação com o ambiente.
05 jun. 2023	Tato, olfato e visão.	Individualmente, ilustre uma lembrança vivida na natureza. Utilize, ao menos, um elemento natural na sua arte.
12 jun. 2023	Tato, olfato, visão e paladar.	Após escolher uma planta, conecte-se com o aroma, textura e forma dela, seja através de cores, poemas, desenhos, lembranças. Após, relate por escrito como foi seu processo criativo e o que observou.

Fonte: Autoria própria.

Em cada encontro, os/as participantes foram conduzidos primeiramente a realizarem um exercício de respiração simples (Figura 1), com objetivo de se conectarem com o presente, de corpo atento:

[...] um corpo atento: em consonância consigo próprio – escutando as batidas do coração, a respiração pulmonar ou o som que o vento faz quando toca nossos cabelos – e com o espaço da cidade – o ruído dos carros e aviões, as pessoas falando, o som dos rios e tantos outros sons. Melhor seria dizer, um corpo atento e presente (DASSIE, 2020, p. 241).



Figura 1: Exercício de respiração realizado antes das atividades do primeiro encontro.

Fonte: Autoria própria (2023).

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 432-445, 2024.

Após a conclusão do exercício de respiração, as instruções foram passadas aos/às participantes e os materiais (papéis, tintas, giz etc.) foram disponibilizados. A Figura 2 sistematiza como foram realizados os procedimentos metodológicos do presente estudo.

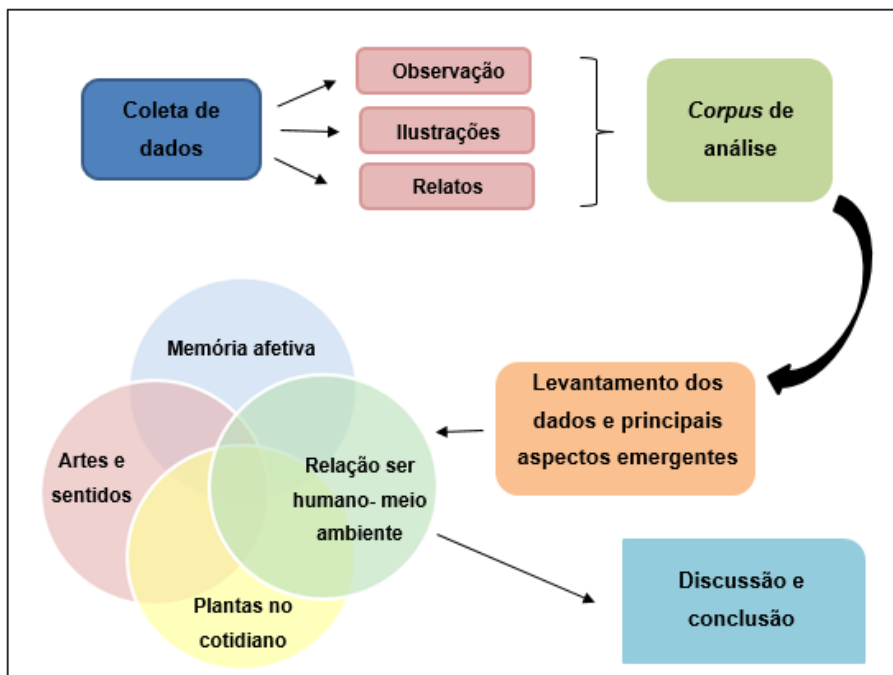


Figura 2: Desenho metodológico do relato de experiência.
Fonte: Autoria própria (2023)

Resultado e Discussão

A partir da leitura dos relatos, ilustrações e observações registradas, alguns aspectos emergiram e são discutidos a seguir: (a) relação ser humano –ambiente, (b) artes e sentidos, (c) memória afetiva, (d) plantas no cotidiano. Tais aspectos identificados não representam categorias isoladas, mas complementares e interdependentes. São apresentados também alguns relatos e imagens, enriquecendo as discussões.

Relação ser humano-meio ambiente

Certos aspectos da relação dos/as participantes com o meio ambiente mostraram-se nos relatos e ilustrações. Alguns participantes apontaram de forma crítica a relação antropocêntrica e utilitária que o ser humano possui com a natureza, outros ilustraram a visão do ambiente ideal. Houve, também, participantes que apresentaram sua relação com o ambiente de forma horizontal e indissociável (Quadro 2).

Quadro 2: Relação ser humano – meio ambiente.

Ilustração

Relato do/a Participante



“A janela foi feita para retratar que muitas vezes nos esquecemos que também pertencemos ao ambiente e precisamos dele em bom funcionamento para vivermos bem, assim, a janela representa esse afastamento, a visão de que o ambiente está lá fora, longe de nós e que é importante abrir essa janela e buscar nos aproximar da natureza”.



“Na minha obra em particular, retratei uma pessoa de pé em um cenário natural. A pessoa foi representada com os pés enterrados na terra, simbolizando uma conexão sólida com o solo e suas raízes firmemente plantadas. Essa representação busca transmitir a ideia de uma pessoa "pé no chão", que ama suas origens e não busca fugir tão cedo delas. Admiro muito a coragem dos meus colegas e professores que vieram de muito longe, seja para estudar ou trabalhar, essa coragem de enfrentar absolutamente tudo em sua frente me inspira. Essa busca por conhecimento e novas culturas é algo que preciso melhorar em mim.”



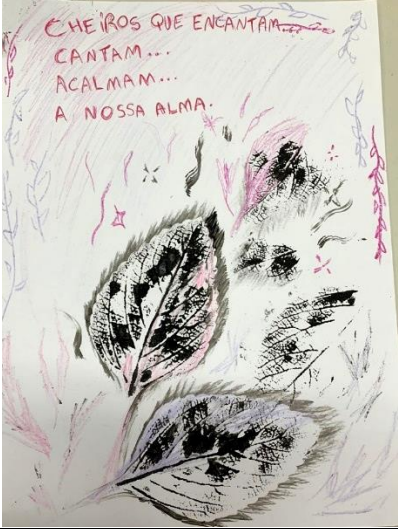


“No meu desenho, expressei de maneira intuitiva tudo o que me retoma a natureza, para isso, usei a figura de uma borboleta de forma abstrata onde é necessária atenção aos detalhes para enxergar outros elementos. Assim como os desenhos das asas de uma borboleta, minha pintura remete a figuras da flora também. Esse animal é de uma riqueza esplêndida para mim, assim como uma borboleta, almejo conquistar o mundo com minhas próprias asas, mas ainda assim marcando a vida das pessoas que eu cativar, assim como fazem as borboletas, atraindo olhares de admiração nos locais mais inóspitos com suas cores e formas. No contexto da oficina, encontrei nesse desenho uma maneira de expressar minha relação com o meio ambiente a partir do amor que sinto pelo planeta que chamo de lar, encaixando seus elementos no meu cotidiano, usando os mesmos para me inspirar a cada dia.”

Fonte: Autoria própria.

Artes e sentidos

Durante os encontros, os elementos naturais disponibilizados (flores, plantas aromáticas, terra, folhas secas etc.) possibilitaram aos/às participantes que explorassem seus sentidos como o tato, olfato e visão, de forma que eles atribuíssem significados, representações, lembranças ou conexões relacionadas a tais sentidos (Quadro 3). Segundo Buss e Iared (2020) e Qualho e Iared (2021), a percepção de mundo, se dá por meio dos sentidos sensoriais (audição, tato, paladar, olfato e visão) em um processo sinestésico, tendo relação direta com a atribuição de significado e a aprendizagem.

Quadro 3: Artes e sentidos.

Ilustração	Relato do/a Participante
	<p>“A planta que eu peguei, me lembrou muito da minha avó, que adorava cultivar e utilizar de ervas. Hoje em dia, ela não consegue mais praticar esse ato tão simples, mas lembro de todas as árvores que ela já plantou com as sementes que eu levava para ela. Um dos sentidos que mais me fazem lembrar desses momentos é o olfato. Às vezes, um cheiro me transporta para muitos lugares que eu nunca mais vou poder estar, então, essa atividade foi muito legal para mim, e gostei de, de alguma forma, ficar mais perto da minha avozinha, que fez 79 anos semana passada, e não pude estar com ela.”</p>
	<p>“Peguei um pedaço de lavanda, desenhei e fiz uma ilustração de como seria a visualização dos odores que senti”.</p>
	<p>“Texturas curiosas”.</p>

Fonte: Autoria própria.

Memória afetiva

Vivências marcantes revelaram-se através das ilustrações e dos relatos dos/as pibidianos/as ao serem questionados sobre sua relação com o meio ambiente (Quadro 4). Essa percepção de vivências e valores através da arte é muito importante no processo que articula educação e meio ambiente, visto que um dos objetivos da Educação Ambiental é sensibilização e resgate de valores individuais (CARVALHO, 2006). Essa sensibilização permite que os/as participantes sejam ativos/as no próprio processo educativo.

Quadro 4: Memória afetiva.

Ilustração	Relato do/a Participante
	“O elemento escolhido foi uma flor roxa, e a lembrança que me veio a cabeça foi a morte e enterro da minha cachorra Princesa. A flor foi escolhida por ser a mesma que foi plantada em cima do local em que ela foi enterrada, e o preto foi escolhido para representar o luto.”
	“Eu quis representar um caranguejo em sua toca no mangue, como uma lembrança de infância. Passei toda minha vida do litoral, então visitas às praias e manguezais eram (são) constantes, e o hábito de pegar (caçar) e comer caranguejo/siri são constantes na minha família. Utilizei a terra como elemento natural.”
	“Representei no desenho uma memória minha com minha irmã. Quando éramos pequenas, brincávamos em uma pequena matinha que existia no sítio da família. Lá tinha uma árvore com o tronco bem curvado próximo ao chão e imaginávamos que lá era nossa casa na brincadeira. Podíamos passar horas lá brincando enquanto nossos pais trabalhavam. É uma das minhas lembranças favoritas naquele local.”

Fonte: Autoria própria.




Plantas no cotidiano

Segundo Carvalho; Steil e Gonzaga (2020), as plantas utilizadas nos rituais surgem como mestras de um aprendizado que conduz ao autoconhecimento, entendido como parte de uma ordem maior e mais que humana na qual os sujeitos humanos estão inseridos:

Ao acentuar as diferenças entre as diversas formas de aprender sobre coisas, objetos, plantas e modos de aprender com o mundo, com os objetos e com as plantas, podemos observar a pluralidade de formas de aprender na vida contemporânea. Dito de outra forma, nosso estudo orienta a pesquisa, a metodologia e a ecopedagogia para a ontologia subjacente do ser e a cosmologia do devir em uma relação “mais que humana. (CARVALHO; STEIL; GONZAGA, 2020, p. 152, tradução nossa).

Por meio das práticas e representações houve a possibilidade de constatar a presença das plantas no cotidiano dos/as participantes, principalmente relacionada aos seus aspectos medicinais introduzidos pela cultura e também no uso alimentício (Quadro 5).

Quadro 5: Plantas e cotidiano.

Ilustração	Relato do/a Participante
	<p>“A planta que escolhi foi o boldo, essa planta é conhecida por todos e é bastante marcante pelo seu aroma, além do seu sabor. Para criar o desenho me apeguei às recordações de quando ficava doente e tomava o chá de boldo para curar a gripe. Realizar esse desenho foi algo bem natural e rápido, porém uma experiência fenomenal de voltar às recordações antigas”.</p>
	<p>“Minha escolha foi o alecrim, que está bem presente no meu cotidiano, então, retratei um dos pratos que mais faço, um prato de macarrão com frango, e o alecrim de tempero/decoração”.</p>
	<p>“Eu escolhi a erva cidreira, pois achei lindas as flores roxas que ela tinha. Com o cheiro das folhas da erva cidreira, pensei no tererê, que é costume da minha família tomar quase todos os dias, então, quando penso em tererê, lembro da minha família”.</p>

Fonte: Autoria própria.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 432-445, 2024.

Considerações finais

Por meio desse estudo, argumentamos que a arte por instrução pode ser considerada uma possibilidade transdisciplinar promissora na prática educativa ambiental, haja vista que despertou o pensamento crítico e promoveu a sensibilização dos participantes, que resgataram, por meio de vivências e sentidos, sua relação com o ambiente.

A liberdade e versatilidade proporcionadas pela arte-Educação Ambiental sob o referencial da arte por instrução foram elementos fundamentais durante o planejamento dos encontros e plano de estudo, considerando-se que intervenções educativas como essas são importantes para justificar a relevância da Educação Ambiental em espaços não formais.

Os recursos didáticos nos quais nos apoiamos, em especial, os elementos naturais (plantas aromáticas, folhas de árvores, terra etc.) foram muito significativos. As diferentes texturas, cores e aromas desses elementos contribuíram para o resgate de valores e vivências por meio do processo de significação e sensibilização pelos sentidos.

A experiência mostrou que as memórias afetivas, em especial, relacionadas à infância e ao âmbito familiar, formam vínculos fortes com o meio ambiente, sugerindo que o contato com a natureza e com as tradições culturais são de extrema importância na construção do pensamento coletivo, da sensibilização ambiental e da nossa forma de ver o mundo e nos percebermos como parte integrante dele. Tal afirmação faz refletir sobre a importância do contato com a natureza e conforme já mencionado, é fundamental para a potencialização de entendimentos sobre as questões ambientais.

Acredito que a arte seja um importante caminho para a Educação Ambiental e que a formação de professores de arte na temática é fundamental para sua efetivação. Essa formação também traria uma contribuição significativa para a efetivação criativa e reflexiva da Educação Ambiental. Mesmo não tendo formação em arte, com estudo minucioso sobre o tema, a articulação de arte-Educação Ambiental num curso de Biologia apresentou resultados significativos.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Paraná, por tornar possível a graduação da primeira autora; aos participantes pibidianos do Curso de Ciências Biológicas.

Referências

BUSS, B. C.; IARED, V. G. Artrópodes como tema gerador de uma prática educativa em uma escola de artes no município de Palotina (PR). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.15, n.1, p. 379–396, 2020.

CARVALHO, L.M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. **Consumo e Resíduos: fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos: Editora da UFSCar, 2006.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 432-445, 2024.

CARVALHO, I. C. DE M.; STEIL, C. A.; GONZAGA, F. A. Learning from a more-than human perspective. Plants as teachers. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p. 144–155, 3 mar. 2020.

DASSIE, F. A. Yoko Ono: impasses e instruções. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 22, n. 2, p. 240-255, 2020.

EISNER, E. E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo Sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 5-17, 2008.

FONSECA, T. M. **Educação Ambiental através das artes visuais**. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Porto, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDO, S.M.S. **Instruções: artes visuais e Educação Ambiental em movimento**. Curitiba: Ufpr, 2021. 34 slides, color. XxxIISEPE/2021.

GERALDO, S.M.S.; IARED, V.G. Educação Ambiental e artes visuais em territórios ecofenomenológicos. **Educação**, v. 47, n. 1, e56, 2022.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021.

HARGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JACOBI, P. **Cidade e meio ambiente**. São Paulo: Annablume, 1999.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana; 2016.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 1, p. 183-195, 2012 .

QUALHO, V. A.; IARED, V. G. Relato de experiência de um curso online sobre fungos desenvolvido com professores sob a perspectiva de Educação Ambiental “fora da caixa”. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.16, n.5, p. 500–520, 2021.

RACHE, R. P.; PATO, C. L. Arte - Educação Ambiental como constructo transdisciplinar. **Ambientalmente sustentable**, v. II, n. 20, p. 637-656, 2015.

ROSA, A. V.; SORRENTINO, M.; RAYMUNDO, M. H. A (orgs). **Dossiê sobre o desmonte das Políticas Públicas de Educação Ambiental na gestão do Governo Federal: 2019-2022**. Brasília: EAResiste, 2022.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Arte-Educação-Ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 14, p. 43-59, 2009.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos. **Educação e seleção**, Edição especial, n.7, p.19-27, 2013.